

tupiniquins

TDR00097



Jimmy Cliff e Gilberto Gil, as atrações da semana. Veja na página 3



Tupiniquins: estabelecendo por conta própria os limites do seu território

Os tupiniquins cada vez menos dóceis

A GAZETA — Qual a razão dessa crise entre a Funai e os índios? Moacir Cordeiro — Bem, até o momento não temos oferecido melhores condições para os tupiniquins e os guaranis, mas a amizade que nós construímos nesses quatro meses em que estou aqui foi por água abaixo por causa de um rato de eucalipto que é esse representante do Cimi, o Fábio Vilas. Ele fica andando sorrateiramente por aqui à noite, em vez de vir discutir com a gente os assuntos que interessam à comunidade indígena. Fica é botando coisas na cabeça dos índios, mas não assume nada. Ele mesmo não vem com carro, mantimentos, gasolina, etc. para dar melhores condições aos índios. Está agindo da mesma forma com que o Cimi agiu em Crenaque (reserva indígena na parte mineira do Vale do Rio Doce). O pessoal do Cimi convenceu os índios da Fazenda Guarani, em Carmezina, Minas Gerais, a ir para Crenaque, mas chegando lá não lhes deu qualquer assistência. Largou todo mundo sem comida, sem acomodações, e foi preciso a Funai ir lá depois socorrê-los. O que eu lamento em tudo isso é os índios trocarem um bom relacionamento que nós já tínhamos com eles por um elemento subversivo como esse Fábio, que não quer saber de nada. Ele joga uma bomba nas mãos dos índios e sai correndo para não ver a explosão. Quando algum tupiniquim ou

corro, mas outro tipo de apoio nós não vamos dar não. O Zé vem aqui perguntar o que a Funai acha disso tudo que eles estão fazendo e a única coisa que eu posso lhe dizer é que ela ignora a demarcação. Para todos os efeitos, está valendo o compromisso que a comunidade indígena assumiu com a Funai, o compromisso de esperar até julho a demarcação das terras pela Funai. Eles quebraram esse

AG — Zé, você acha que os índios quebraram algum compromisso com a Funai?

José Sizenanda — Quando a Funai disse que ia fazer a demarcação em julho, eu concordei, desde que ela não fizesse jogada pra cima da gente. E foi o que aconteceu. O próprio presidente da Funai, coronel Nobre da Veiga, veio há poucos dias à Aracruz Celulose, conversou com seus diretores não sei o quê e foi embora sem dar a menor atenção aos índios. Isso dá para desconfiar, não dá? Que negócio é esse de ele só ouvir uma parte interessada, deixando de lado os índios, que são os mais prejudicados pela Aracruz? Se a Funai é um órgão de proteção aos índios, ele tinha de conversar primeiro com nós...

Moacir Cordeiro — Mas nós estamos falando de do nosso relacionamento pessoal.

compromisso e agora querem ajuda para sua demarcação. A única coisa que a Funai pode fazer é fechar os olhos. Eu também quero deixar claro o seguinte: à parte o fato de eu ser funcionário da Funai, havia uma amizade pessoal com o Zé e outras pessoas que jogaram isso tudo pelo chão. Eu lamento profundamente que eles tenham traído esse relacionamento pessoal, esquecendo de ver os compromissos que eu tenho como funcionário da Funai.

José Sizenanda — (Ignorando o comentário) — Tem mais: se nós realmente, como diz o Moacir, quebramos compromisso, isso foi pela primeira vez. A Funai já fez isso várias vezes com os índios e vai continuar fazendo. Então, quem nunca cumpriu sua palavra não pode ficar cobrando coisas dos outros. E nós só não cumprimos nossa palavra empenhada, por causa dessa jogada do presidente da Funai. Isso é um desrespeito ao índio e agora eu vou dizer uma coisa ao Moacir: nós não vamos mesmo esperar até julho a demarcação da Funai. Com nossas próprias mãos, vamos fazer essa demarcação. Não dá mesmo para esperar.

Moacir Cordeiro — Agora, Zé, eu queria que você falasse do nosso relacionamento pessoal. Vocês sabem das nossas limitações como funcionários da Funai, mas não levaram isso em consideração. Confundiram minha função administrativa com nossa amizade pessoal. Vocês traíram os nossos compromissos pessoais, me deixando muito magoado. Eu estive na semana passada em Governador Valadares, na delegacia regional da Funai, e disse que tinha duas pessoas em Caieiras Velhas da mais absoluta confiança que apoiariam qualquer projeto que estivéssemos dispostos a executar aqui. Essas pessoas eram você e o Cearense. Hoje, eu considero o Judas Iscariotes disso tudo o próprio Cearense, que invadiu o posto, levou o rádio juntamente na hora em que eu tinha uma mensagem de urgência para passar para Valadares e esvaziou os pneus do jipe. Vocês esqueceram que o jipe não é só para atender Caieiras Velhas, é para servir também Comboios e Pau Brasil. Então, não podiam fazer isso. Foi uma atitude muito egoísta. Outra coisa: os guaranis não quiseram participar desses atos, porque eles têm seus princípios religiosos contra a violência. E vocês foram depois perguntar para eles: "Vocês são ou não são índios?" Isso tudo só vai resultar numa coisa: divergência entre os próprios índios. Da outra vez, eles queriam era botar fogo no jipe, mas eu consegui convencer o pessoal a não fazer isso.

Moacir Cordeiro — Agora, é preciso esclarecer uma coisa: é muito estranho o Zé pedir o jipe quando ele há poucos dias ouviu oficialmente do delegado regional da Funai, Carlos Grossi, que o órgão não reconhece a demarcação que está sendo feita. Se eu sou o representante da Funai, tenho de respeitar suas determinações. Então, não vou colocar um veículo oficial a serviço de uma demarcação de terras que a Funai considera ilegal. Quando os índios resolverem levar em frente esse trabalho, por instigações do Cimi, eles sabiam por antecipação que não iriam contar com qualquer apoio da Funai. Diante disso, fica claro que eles é que têm de assumir sozinho sua tarefa. Se alguém se machuca no mato, nós prontamente iremos lá prestar so-

AG — Zé, o que houve que vocês queriam incendiar o jipe?

José Sizenanda — Eles não queriam dar o carro para levar comida no mato. Agora, eu avisei pelo rádio ao delegado regional: se não tomar cuidado, esse jipe vai virar cinza aqui em frente do posto, porque meu pessoal está com muita raiva da Funai.

"Eu avisei ao delegado que o jipe ia virar cinza"

Moacir Cordeiro — Mas isso seria uma atitude egoísta da parte de vocês, porque iria prejudicar as outras comunidades que também precisam do jipe! Eles não consultaram o pessoal de Comboios e Pau Brasil se era para botar fogo no jipe. Agora, mesmo com todos os problemas de falta de verbas e de gasolina, o jipe ainda tem condições de funcionar num caso de emergência. No entanto, o Zé veio me dizer que ele está ocupando espaço. Não está, porque você não vai plantar onde o jipe está estacionado. Mas ele insiste: está ocupando espaço. Eles ficaram indignados porque viram o jipe andando por aí, em vez de estar ajudando na demarcação. Ora, apesar de tudo, a parte administrativa do posto continua a funcionar normalmente. Nós não temos nada a ver com essa decisão de demarcar as terras. É problema de vocês. Então, assumam sozinhos! Não conte com a Funai para uma demarcação que é ilegal. Eu não vou mudar a rotina do posto: o jipe vai sair quando for necessário atender às suas necessidades administrativas.

AG — Moacir, como você vê a solução para essa crise? Seria a demarcação oficial da reserva o mais rápido possível uma forma de acabar com o problema?

Moacir Cordeiro — Sim, é isso. Mas eu tenho a impressão de que, por mais bem intencionada que seja a Funai, nós sempre vamos ter, aqui na área, esse elemento pernicioso que é o Fábio. Um indivíduo que só atua no sentido de destruir o nosso trabalho junto à comunidade indígena. Agora, é preciso ficar claro o seguinte: eu não sou contra o Cimi e sim contra alguns elementos que dele fazem parte.

AG — Você acha que o Fábio é um obstáculo à superação da atual crise entre você e os índios?

Moacir Cordeiro — A atuação dele junto aos índios é altamente pernicioso. Por isso, ele não merece a confiança de ninguém. A prova mais concreta disso é o episódio de Crenaque. Quando o delegado da Funai perguntou ao pessoal do Cimi se eles é que haviam levado os índios crenaque da Fazenda Guarani para lá, a resposta foi esta: "Não! Os índios vieram, porque quiseram. Nós não temos nada com isso!" Isso, para mim, é irresponsabilidade.

AG — Zé, o trabalho do Fábio é capaz de prejudicar o seu plano de reconquistar para os tupiniquins suas terras?

José Sizenanda — Não vai atrapalhar em nada! Eu explico: quem está limpando o mato, quem está derrubando, quem está abrindo a picada para a demarcação, quem está armando a baliza somos nós. Não é Funai nem o Cimi.

Moacir Cordeiro — Claro que o Fábio não aparece lá nessa hora, mas é ele quem fica no ouvido de vocês dizendo para fazer isso e aquilo. Agora, eu gostaria de ver o Fábio com um carro levando comida para vocês. Mas isso ele não faz. Eu admito que o Cearense, uma das pessoas da minha confiança, tenha tido a coragem de levar o rádio do posto e esvaziar os pneus do jipe. E eu acho que o Zé está sendo usado pelo Fábio. O Fábio está largando uma bomba na mão dele. Na hora do vamos ver, quem vai aguentar as consequências vai ser o Zé. O Fábio vai ficar de lado, no meio da torcida festiva que lança os índios contra a Funai.

AG — Zé, vocês vêm lutando há tempos para conseguir de novo essas terras, não é?

Desde o descobrimento do Brasil, os tupiniquins foram talvez os índios que mais facilmente se submeteram ao colonizador. Já em 1880, durante uma visita ao Espírito Santo, o arcebispo do Rio de Janeiro, dom Pedro Maria de Lacerda, constatava a rápida adaptação dos índios aos costumes dos novos senhores da terra como parte de acelerado processo de aculturação que os levaria, não muito tempo depois, a perder sua identidade cultural. Em seu diário de viagem, ele fazia o seguinte registro: "Já não têm arco e flecha e nem conhecem tais armas. A razão principal é por terem vergonha de parecerem com os antigos (tupiniquins) e também medo de serem mal vistos pelos portugueses".

Sem os 40 mil hectares de terra que lhes foram dados no final do século passado por dom Pedro II, sem a língua que em pouco tempo desaprenderam devido à convivência com o colonizador e sem obviamente uma unidade tribal, eles praticamente sucumbiram e só fizeram sua reentrada na história do movimento indigenista brasileiro no início da década de 70, quando o ex-delegado regional da Funai em Governador Valadares, Ita-

lutin Ruas, conferiu aos chamados "caboclos" que viviam na região de Santa Cruz, acima do rio Piraquê-Açu, o status de remanescentes dos tupiniquins, reconhecendo-lhes os direitos inscritos no Estatuto do Índio.

De lá para cá, os tupiniquins mudaram bastante: menos dóceis do que seus antepassados, resolveram lutar pela posse de suas terras, que estavam ocupadas em quase toda a sua extensão pelos eucaliptos da Aracruz Celulose. Agora, estão em pé de guerra contra a Funai, que desde novembro do ano passado, quando criou as reservas de Caieiras Velhas, Pau Brasil e Comboios, vem prometendo demarcar para eles uma área de aproximadamente 6 mil hectares.

Na acidentada luta dos tupiniquins por suas terras (e que mais recentemente passou a contar com o apoio de um grupo de guaranis que vive às margens do Piraquê-Açu), o episódio mais tenso foi a invasão do posto da Funai em Caieiras Velhas, de onde eles levaram o rádio que serve para as comunicações com a delegacia regional em Governador Valadares, depois de esvaziar os pneus do jipe. Eles protestavam contra o não-

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

PORTARIA Nº 909/80 DE 28 DE JUNHO DE 1980
ÁREAS DE OCUPAÇÃO

O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO, ao usar das atribuições que lhe confere o Estatuto (art. 6º, item VI do Decreto nº 66.377, de 12-02-73) e tendo em vista o disposto no art. 1º, item VII, da Lei nº 5.371, de 05-12-67, e o constante no art. 26º da Lei nº 6.002, de 19-12-1973 e, finalmente, considerando o que consta do Processo de nº FUNAI/1527/335/79,

RESOLVE:

1 - Fica declaradas como áreas de ocupação dos índios TUPINIQUESES, localizadas nos Municípios de Aracruz e Litorânea, ambas no Estado do Espírito Santo, as áreas denominadas CAIEIRAS VELHAS, PAU BRASIL e parte da ILHA DOS COMBOIOS conforme memorial descritivos que constituem os anexos I, II e III desta, que dela fazem parte integrante;

2 - São expressamente vedados o ingresso, trânsito e permanência de pessoas nas áreas supra mencionadas, e o trabalho do Grupo Indígena que nelas habitam;

3 - Esta Portaria, em caráter excepcional, entra em vigor nesta data, revogadas as disposições em contrário.

Dê-se ciência.
Publicação e cumprimento.
José Sizenanda
PEDRO FÁBIO PATOULLI CARDEIRO
No exercício da Presidência

A portaria não cumprida pela Funai

reconhecimento pela Funai da demarcação que eles estão fazendo por sua própria iniciativa. Em meio à crise, que prosseguiu esta semana com um ato público em favor dos índios em Vitória, durante o qual eles voltaram a denunciar a omissão da Funai, A GAZETA registrou um diálogo áspero entre o cacique José Sizenanda e o chefe do posto, Moacir Cordeiro, a respeito dos problemas que eles enfrentam.

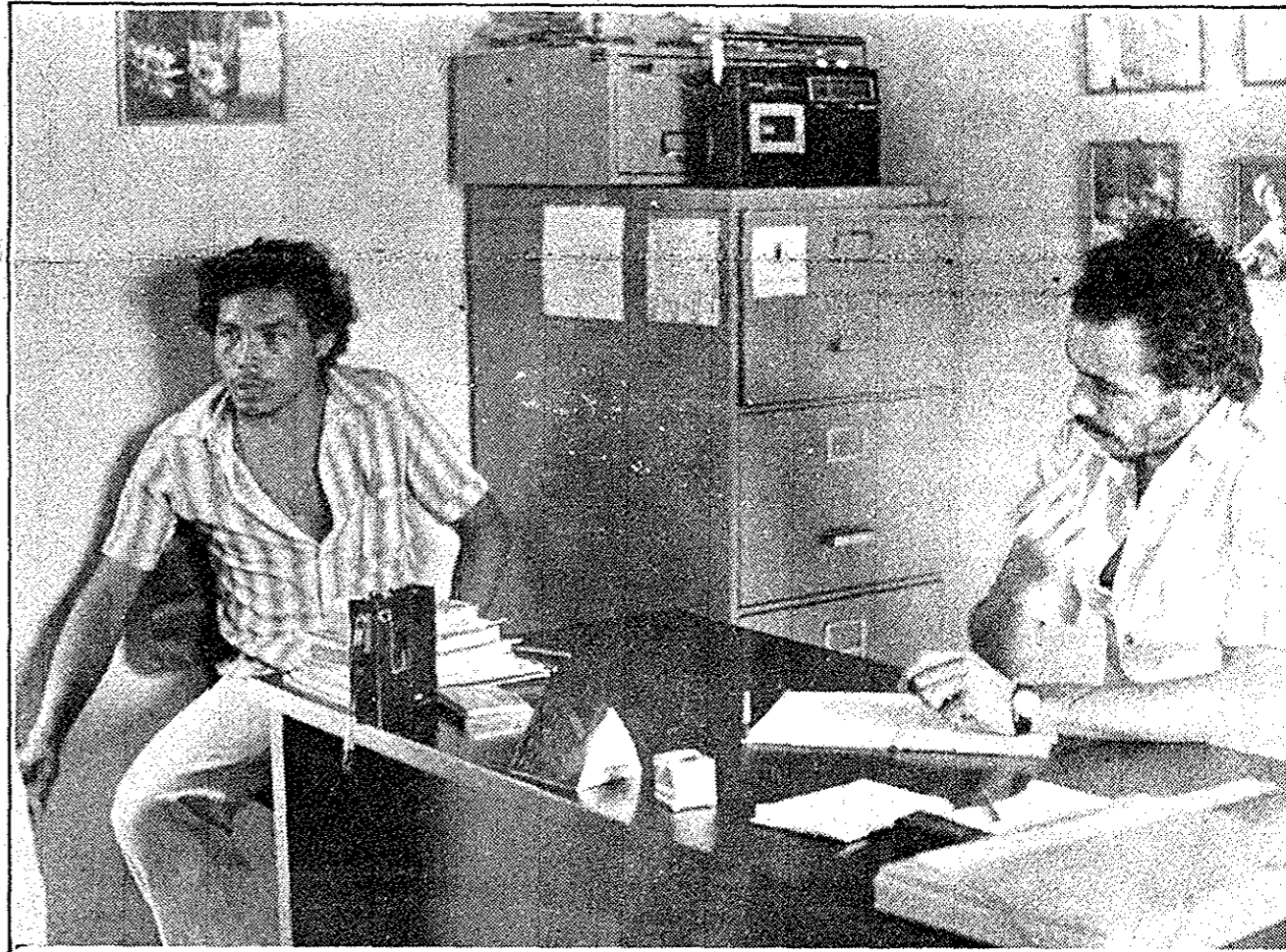
"Nós, índios, nos fazemos de bobos para poder sobreviver"

guarani precisa de hospital, ele nunca está presente. Só sabe enrolar seu cigarrinho de palha e nós é que temos de sair em campo para assumir responsabilidades que ele se recusa a tomar como suas também. Eu realmente estou muito magoado com tudo isso, pois algumas pessoas da comunidade indígena em quem nós mais confiávamos são justamente aquelas que nos traíram.

AG — Zé, o que você acha disso que o Moacir falou?

José Sizenanda — Esse negócio de que o Fábio vem aqui toda noite não é verdade. Ele já veio muitas vezes, mas só uma noite é que ele dormiu aqui. Uma noite apenas. Além disso, ele não vem para botar coisas na cabeça da gente, porque nós sabemos pensar com nossas próprias cabeças. Nós, índios, nos fazemos de bobo para poder sobreviver, porque a Funai não faz quase nada por nós. Infelizmente, eu sei o que ela faz em outras áreas indígenas e por isso eu posso dizer que o pior posto da Funai no Brasil é este de Caieiras Velhas. O Moacir diz que esse jipe está aí para servir a comunidade, mas ele só usa quando alguma pessoa adoce. E só isso. Agora que nós estamos precisando dele para os trabalhos de demarcação de nossas terras, o Moacir diz que não tem gasolina. Eu falo pra ele: nós botamos gasolina. Ai, ele resolve abrir o jogo e diz que o jipe não pode sair. Então, eu pergunto: ele não está aqui para servir a comunidade? Nós temos precisado do jipe para levar comida para a gente no mato, lá onde estamos fazendo a demarcação, e sem ele somos obrigados a vir a pé até Caieiras para apanhar as panelas. Tentamos resolver o problema deixando o meu pai com essa responsabilidade. Ele é um homem já velho e doente. Quando estava levando a comida, o sofrimento dele atacou. Ele foi atrás do Moacir pedir ajuda, mas o Moacir não cedeu o jipe.

Moacir Cordeiro — Agora, é preciso esclarecer uma coisa: é muito estranho o Zé pedir o jipe quando ele há poucos dias ouviu oficialmente do delegado regional da Funai, Carlos Grossi, que o órgão não reconhece a demarcação que está sendo feita. Se eu sou o representante da Funai, tenho de respeitar suas determinações. Então, não vou colocar um veículo oficial a serviço de uma demarcação de terras que a Funai considera ilegal. Quando os índios resolverem levar em frente esse trabalho, por instigações do Cimi, eles sabiam por antecipação que não iriam contar com qualquer apoio da Funai. Diante disso, fica claro que eles é que têm de assumir sozinho sua tarefa. Se alguém se machuca no mato, nós prontamente iremos lá prestar so-



José Sizenanda e Moacir: trocando ameaças

"A atuação do Cimi é altamente pernicioso aos tupiniquins"

José Sizenanda — Olha, faz muito tempo que estamos ouvindo conversa fiada da Funai e agora nós é que vamos resolver o problema das terras.

Moacir Cordeiro — Zé, mas essa atitude de invadir o posto é, para a Funai, profundamente antipática. Você sabe que o único órgão que tem condições de fazer alguma coisa por vocês — por mais omissão que ele seja e nós realmente temos de reconhecer isso — é a Funai. Vocês vão para o mato fazer demarcação não é porque o Cimi ou a Comissão Pró-Índio vai defender vocês, mas porque vocês esperam o apoio da Funai. Por isso é que à noite vocês vêm aqui no posto saber qual é a posição da Funai. Então, como é que vocês invadem o posto que está aqui para proteger vocês?

José Sizenanda — Nós entramos aqui porque...

Moacir Cordeiro — Vocês vieram cortar as nossas comunicações com a Funai. José Sizenanda — Aqui não tem comunicação nenhuma. Se tivesse, estava tudo resolvido na área.

AG — Zé, há dois anos, quando tupiniquins e guaranis ocuparam essa mata virgem aqui perto de Caieiras, foi que a Aracruz e a Funai começaram a reconhecer os seus direitos a um pedaço de terra para vocês fazerem suas lavouras de mandioca, milho, feijão... José Sizenanda — Foi assim que essa luta

começou. Antigamente, nos tempos dos nossos antepassados, tudo isso aqui era mata bruta dos tupiniquins. Quando eu era menino, a Aracruz chegou com seus eucaliptos e destruiu muita coisa. Os mais velhos, que eram bobos, ficaram quietos. Não falaram nada. Nós fomos crescendo ouvindo eles dizer que essa terra era dos índios e vendo as arbitrariedades da Aracruz. Quando o índio ia plantar, feijão num lugar, os funcionários da empresa não deixavam. Quando ia caçar, eles tomavam sua espingarda. Se encontravam índio com facão no mato, deixavam ele desarmado. Nós vivíamos cada vez mais pressionados pela Aracruz. Ai, chegou a Funai, reconheceu que aqui havia índio tupiniquim e disse: "olha, vocês não fiquem preocupados, porque terão a área que quiserem para plantar". Desde essa época, que nós estamos esperando ela cumprir sua palavra. Depois saiu a portaria 909 do Ministério do Interior criando a reserva de Caieiras Velhas, Pau Brasil e Comboios. Isso foi no ano passado. O pessoal da Funai trouxe um mapa da área doada por dom Pedro II aos nossos antepassados e perguntou: vocês querem a área toda ou não? Nós dissemos que queríamos toda e eles responderam que assim ia demorar bastante. Se nós concordássemos em ficar só com parte dela, divididos em três reservas, logo a área iria ser demarcada. Nós achamos então que esta era a melhor solução, porque precisávamos da terra com urgência para poder trabalhar tranquilos. Foi a hora em que a Funai nos iludiu. Nós tínhamos direito a 40 mil hectares, aceitamos apenas seis mil e ficamos esperando a demarcação. Como a Funai não agiu, nós lhe demos um prazo de 60 dias, que terminou no dia 8 de maio, para mandar seus funcionários fazer o trabalho, mas não apareceu ninguém. A Funai alegou que não tinha verba para fazer a demarcação. No dia 19 de maio, resolvemos entrar no mato para demarcar a reserva. Mandamos a Polícia para cá, dizendo que era para nos proteger. Depois, ditaram para a gente esperar até julho. De novo, nós concordamos, mas o presidente da Funai veio

aqui e não conversou com a gente. Foi procurar o pessoal da Aracruz Celulose. Isto é sinal de que eles estão preparando alguma coisa contra nós. E eu já tenho informações de que o plano deles é reduzir ainda mais a nossa reserva.

AG — Do jeito que vocês estão agindo ultimamente, o Moacir vai acabar tendo de ir embora daqui, pois ele parece não ter mais condições de trabalhar junto à comunidade. José Sizenanda — Muita gente da comunidade já me falou que não quer mais ele aqui. Eu não posso falar nada, mas se a maioria decidir isso eu vou ter que ficar com ela.

Moacir Cordeiro — O que importa para eles não é a pessoa, mas o que ela representa. Eu posso ser um grande amigo de todos eles. Porém, basta pertencer à Funai para não servir mais. Agora, eu tenho a consciência tranquila de que o máximo que eu pude fazer por eles eu fiz. Eu, o motorista, a professora e o enfermeiro do posto temos trabalhado duro todos os dias, inclusive aos domingos. Não temos tempo para mais nada, nem para uma praia, que fica bem perto daqui. Mas eu não vou sair daqui fácil. Só saio se a Funai me tirar. E saio de cabeça erguida, porque em nenhum momento me omiti em relação às necessidades da comunidade.

José Sizenanda — Eu reconheço isso. Sei que vocês trabalham bastante, mas é um trabalho que não rende. Por isso é que estamos vivendo todos esses problemas.

"Nós já estamos cansados das promessas da Funai"